

SÃO JOAQUIM | Acordo traz regras para requalificação, mas comerciantes desconhecem conteúdo do documento

Feirantes sem informações sobre reforma

FERNANDO VIVAS | AG - A TARDE



Cotidiano da feira permanece inalterado diante da série de mudanças acordadas com MPE

GEORGE BRITO

gbrito@grupoatarde.com.br

Vai ser difícil que em 30 dias os feirantes de São Joaquim efetivamente iniciem a adequação das instalações, quanto à ordenação, higienização e limpeza da feira. Muitos trabalhadores sequer tomaram conhecimento das exigências do Ministério Público do Estado (MPE-BA).

"Como alguém pode se adequar a essas normas? O que vai mudar daqui a 30 dias? A gente pode fazer o quê? Há três anos que a prefeitura deveria fazer a reforma e não fez", indagou o comerciante Izídio Barreto, 61

"Como alguém pode se adequar a essas normas? O que vai mudar daqui a 30 dias? A gente pode

no", disse um dos fiscais ao lado de tudo que deveria evitar, além de um vendedor de chumbinho, desconfiado com a presença da reportagem.

CAOS - Na chamada rua do meio, as carnes e vísceras ficam expostas, vulneráveis às mãos sem luvas dos vendedores e dos próprios consumidores. "Não gosto muito da carne exposta. Mesmo que seja fresca. No verão, ficam cheias de mosca", afirmou a paulista Diana Moreira, 36, pela segunda vez visitando a feira. Lá é possível até achar cabeça de boi e de cabra, com



Cotidiano da feira permanece inalterado diante da série de mudanças acordadas com MPE

GEORGE BRITO

gbrito@grupoatarde.com.br

Vai ser difícil que em 30 dias os feirantes de São Joaquim efetivamente iniciem a adequação das instalações, quanto à ordenação, higienização e limpeza da feira. Muitos trabalhadores sequer tomaram conhecimento das exigências do Ministério Público do Estado (MPE-BA).

“Como alguém pode se adequar a essas normas? O que vai mudar daqui a 30 dias? A gente pode fazer o quê? Há três anos que a prefeitura deveria fazer a reforma e não fez”, indagou o comerciante Izídio Barreto, 61 anos, a 44 em São Joaquim. A feirante Jeane Santos, 33, reforça as questões do colega. “Tem que ser passado pra gente quais são as normas. E estamos esperando a reforma”, disse.

Até agora, muitos dos trabalhadores da feira nem mesmo sabem do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) assinado pelo Sindicato do Comércio Varejista dos Feirantes e Ambulantes de Salvador (Sindfeira) e pela Associação dos Feirantes da Cidade do Salvador (Apfas). Também pouco sabem das exigências.

Pelo TAC, os órgãos municipais, Coelba, Embasa e União terão que garantir as condições mínimas para o comércio da São Joaquim. Ontem, dia de movimento intenso, a ausência habitual destas instituições foi mais uma vez evidente. Não se viu um só agente municipal da vigilância sanitária, por exemplo. “Aqui eles não vêm nunca. Também se viesse teriam que fechar a feira”, comentou Izídio.

Mesmo quando presente, a ação do poder público se mostra ineficiente em uns casos e insuficiente em outros. O gari Mar-

“Como alguém pode se adequar a essas normas? O que vai mudar daqui a 30 dias? A gente pode fazer o quê?”

Izídio Barreto, feirante I



cos Antônio, 32, dá a dimensão da sujeira que toma o lugar. “Eu não sei de uma feira que dá tanto lixo, é uma fábrica. Só eu, apenas pela manhã, encho nove carros de lixo”, contou. Já a fiscalização da Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Sesp) era realizada por sete agentes. “Aqui fora não pode vender alimento no chão nem em carri-

nho”, disse um dos fiscais ao lado de tudo que deveria evitar, além de um vendedor de chumbinho, desconfiado com a presença da reportagem.

CAOS – Na chamada rua do meio, as carnes e vísceras ficam expostas, vulneráveis às mãos sem luvas dos vendedores e dos próprios consumidores. “Não gosto muito da carne exposta. Mesmo que seja fresca. No verão, ficam cheias de mosca”, afirmou a paulista Diana Moreira, 36, pela segunda vez visitando a feira. Lá é possível até achar cabeça de boi e de cabra, com sangue escorrendo. “É para ‘bozó’”, explica o comerciante.

A bagunça é grande. Os consumidores têm dificuldades de acesso devido aos carrinhos de mão que fazem o transporte das mercadorias. A iluminação da feira é precária. Nas ruas da feira, “metade dos postes estão queimados”, reclama o vendedor Moisés Barbosa, 29. Os comerciantes se viram com gambiarras. Muitos alimentos ficam expostos ao sol e à chuva ou sobre bancas de madeira velha.

Ordenamento mesmo só nas placas com os nomes das ruas. Banheiro virou artigo de luxo. Para utilizar o único disponível em toda a feira, o sindicato cobra R\$0,60 por pessoa. Frente ao caos, os consumidores pedem mais organização e limpeza.

“Acho que deve organizar. Quanto à higiene, quando chove é um problema. É mijo de rato, lama, esgoto e outras coisas”, disse a vendedora de acarajé Cristina de Brito, 42 anos.



Veja galeria de fotos no portal A TARDE ON LINE: www.atarde.com.br